

ORIGENS DO PENSAMENTO E DA  
POLÍTICA RADICAL NA AMÉRICA LATINA



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor  
JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade  
ALVARO PENTEADO CRÓSTA

EDITORIA  
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA  
GUITA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO  
LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO  
RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

UNICAMP ANO 50

Comissão Editorial

ITALA M. LOFFREDO D'OTTAVIANO  
EDUARDO GUIMARÃES

*Fabio Luis Barbosa dos Santos*

ORIGENS DO PENSAMENTO E DA  
POLÍTICA RADICAL NA AMÉRICA LATINA  
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE JOSÉ MARTÍ,  
JUAN B. JUSTO E RICARDO FLORES MAGÓN

EDITORIA UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO  
Bibliotecária: Helena Joana Flipsen – CRB-8ª / 5283

---

Sa59o Santos, Fabio Luis Barbosa dos.

Origens do pensamento e da política radical na América Latina: um estudo comparativo entre José Martí, Juan B. Justo e Ricardo Flores Magón / Fabio Luis Barbosa dos Santos. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

1. Martí, José, 1853-1895. 2. Justo, Juan Bautista, 1865-1928. 3. Flores Magón, Ricardo, 1874-1922. 4. Revoluções e socialismo. 5. Socialismo – América Latina. 6. Pensamento crítico – América Latina. 7. América Latina – Política e governo. I. Título.

CDD - 320.5322098  
- 320.531098  
- 160.098  
- 320.98

ISBN 978-85-268-1332-8

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Martí, José, 1853-1895	320.5322098
2. Justo, Juan Bautista, 1865-1928	320.5322098
3. Flores Magón, Ricardo, 1874-1922	320.5322098
4. Revoluções e socialismo	320.5322098
5. Socialismo – América Latina	320.531098
6. Pensamento crítico – América Latina	160.098
7. América Latina – Política e governo	320.98

Copyright © by Fabio Luis Barbosa dos Santos

Copyright © 2016 by Editora da Unicamp

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da Fapesp.

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp

Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp

CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil

Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728

www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Este livro é dedicado à memória de meu pai.



Quem tava no volante do planeta  
que o meu continente capotou  
Chico Buarque, "Almanaque", 1981





# Sumário

## Prefácio – Confrontos latino-americanos

*Jorge Grespan* ..... 13

## Introdução ..... 19

*Referências bibliográficas para a análise de Martí, Justo e Magón* ..... 31

## 1. O dilema da formação nacional

**na América Latina** ..... 45

1. *O sentido da formação* ..... 45

2. *Vias da emancipação* ..... 49

3. *Vias da revolução burguesa* ..... 54

## 2. José Martí e a independência cubana ..... 61

1. *A formação cubana* ..... 62

a) *A marca da colônia* ..... 62

b) *Cuba e a crise do antigo sistema colonial* ..... 66

c) *Inserção cubana no mercado mundial* ..... 70

d) *Cuba e o imperialismo* ..... 73

2. *José Martí e a revolução nacional* ..... 80

a) *Visão de Martí sobre a formação cubana* ..... 82

1) *Autoctonia* ..... 84

2) *Hombre natural* ..... 88

3) Modernidade alternativa e nação .....	91
4) Outra história.....	99
5) <i>Equilibrio del mundo</i> .....	102
b) Martí e o caminho para a formação cubana .....	106
1) Leitura da história .....	106
2) Partido .....	110
3) Programa .....	112
c) Desfecho .....	115
d) Balanço.....	118
<b>3. Juan B. Justo e a reforma argentina.....</b>	<b>123</b>
1. <i>A formação argentina</i> .....	123
a) A marca da colônia.....	123
b) Emancipação argentina .....	125
c) Inserção argentina no mercado mundial.....	128
d) Argentina e o imperialismo .....	131
2. <i>Juan B. Justo e a reforma socialista</i> .....	138
a) Visão de Justo sobre a formação argentina.....	141
1) Enquadramento científico .....	142
2) Movimento da história .....	144
b) Caminho socialista para a formação argentina .....	147
1) Luta de classes .....	149
2) Via ao socialismo.....	153
3) Plataforma socialista .....	159
4) A hipótese de Justo .....	166
c) Desfecho .....	168
d) Balanço.....	176
<b>4. Ricardo Flores Magón e a</b>	
<b>Revolução Mexicana.....</b>	<b>185</b>
1. <i>A formação mexicana</i> .....	185
a) A marca da colônia.....	185
b) Emancipação mexicana .....	188

c) Inserção mexicana no mercado mundial e reforma liberal .....	191
d) Porfiriato e imperialismo.....	195
2. <i>Flores Magón e a Revolução Mexicana</i> .....	201
a) Visão de Magón sobre a formação mexicana .....	205
1) Enquadramento ideológico .....	206
2) Programa do PLM de 1906.....	208
3) Sensibilidade histórica .....	210
4) <i>Derecho de vivir</i> .....	214
b) Caminho magonista para a formação mexicana .....	216
1) Junta Liberal no exílio.....	217
2) Fontes da radicalização liberal.....	222
c) Desfecho .....	228
d) Balanço.....	242
<b>Conclusão – Comparações</b> .....	247
1. <i>Visões da formação</i> .....	250
a) Fundamento comum: Indiferenciação ideológica .....	251
1) Natureza humana e história .....	251
2) Formação e totalidade.....	254
b) Especificidade: Origens do pensamento radical .....	257
1) Morfologia da formação .....	257
2) Horizonte civilizatório .....	259
3) Legado.....	261
2. <i>Caminhos para a formação nacional</i> .....	264
a) Especificidade: Estratégia .....	265
b) Fundamento comum: Padrão de luta de classes .....	266
1) Contenção democrática .....	266
2) Caráter da burguesia .....	269
3) Autonomia da classe trabalhadora.....	271
<b>Referências bibliográficas</b> .....	275
<b>Índice remissivo</b> .....	297



## Prefácio

### *Confrontos latino-americanos*

*Jorge Grespan*

É célebre entre os historiadores a defesa do método comparativo feita por Marc Bloch. No entanto, poucos são os que de fato ousam fazer face ao desafio de realizar um estudo desse tipo. Os perigos são tantos, os riscos tão grandes, que o pesquisador prefere a segurança do trabalho especializado, cauteloso e dirigido a uma única situação histórica. Ele acredita encontrar, assim, a garantia da sua qualidade. De fato, a concentração permite esmiuçar fontes e detalhar aspectos do tema em um nível dificilmente alcançado por um estudo de caráter abrangente. Mas também ficam perdidos, com isso, os benefícios apenas possíveis à visão geral. Ela abarca condições diversas e as relaciona entre si como casos particulares de um todo, cuja compreensão oferece a chave privilegiada para decifrar o sentido de cada caso particular.

Sem receio de aceitar esse desafio e de enfrentar os perigos daí decorrentes, a tese de Fabio Luis Barbosa dos Santos, transformada agora em livro, propõe-se a comparar três situações nacionais e individuais bem diferentes, cada uma das quais mereceria a justo título ser objeto de estudos especializados. Trata-se da Argentina de Juan B. Justo (1865-1928), da Cuba de José Martí (1853-1895) e do México de Ricardo Flores Magón (1874-1922). São mundos à parte, ricos na singularidade que os distingue dos demais: a Argentina,

que começava a se industrializar e, com isso, podia já pensar em um socialismo de base operária; Cuba, que nem sequer alcançara a sua independência política da Espanha, missão na qual sucumbiu Martí; e o México, onde a expansão da grande propriedade rural esmagava um campesinato ainda forte o suficiente para reagir e pôr em curso uma das mais importantes revoluções contemporâneas. Casos muito diferentes, mas todos eles definidos por uma condição semelhante de subordinação a interesses e poderes externos, condição que, inclusive, os unificava sob a rubrica de “América Latina” na situação mundial típica do capitalismo do fim do século XIX.

Daí o grande interesse na leitura do livro. Para começar, ele não pressupõe a existência da “América Latina”, mas reconstitui parte importante do processo pelo qual ela se forjou, aproximando contextos distantes e distintos. Apesar dos milhares de quilômetros que separam os três países, nos três operavam idênticas forças externas do capital europeu e norte-americano, associadas a diferentes forças internas de grupos sociais e políticos que da associação derivavam o seu poder. A diferença das forças internas em cada caso é crucial para determinar a diferença da sua configuração histórica. Ela não é um detalhe a ser deixado de lado na apreensão do todo formado pelas forças externas do capitalismo industrial. Mas ela também não pode ser o aspecto preponderante, que faz perder de vista a inserção comum nos mecanismos mundiais de acumulação de capital. Uma dimensão complementa a outra, contrapondo-se a ela: é da diferença das situações que o todo da acumulação mundial se nutre, para daí levar a uma especialização ainda mais intensa das sociedades de cada país, determinando o seu mercado produtor e consumidor. Descrever esse mecanismo complexo é a tarefa do presente livro.

Para tanto, depois de um capítulo introdutório do problema geral, ele vem dividido em três capítulos centrais, cada qual dedicado a um dos contextos e autores já mencionados. O leitor observará

que, fiel à proposta do estudo comparativo, esses três capítulos obedecem rigorosamente a uma mesma divisão de itens. Primeiro, vem sempre uma discussão do contexto histórico – de Cuba, da Argentina e do México, respectivamente –, que o livro chama de “formação”, no quadro da questão da formação nacional, clássica dos debates brasileiros. Ela abrange um tópico sobre o traço deixado pela condição colonial e outro sobre o processo de emancipação política, que em Cuba foi tardio, já inserido no bojo do imperialismo do fim do século XIX, tratado nos dois tópicos seguintes. No segundo item, cada tópico apresenta um dos autores estudados – José Martí, Juan B. Justo, Ricardo Flores Magón, respectivamente – depois da discussão do seu contexto nacional. Ao diagnóstico que cada um fez desse contexto, segue uma análise da proposta de transformação social que ele julgou necessária para seu país superar o impasse surgido da emancipação política defeituosa. Por fim, conclui-se com uma explicação dos motivos que teriam levado tais propostas ao fracasso.

É essa sequência que organiza, de fato, a cronologia do livro. Ele não avança da Cuba de Martí até o México de Magón apenas porque quer começar com o que veio antes e continuar conforme a ordem dos acontecimentos no tempo. Mais importante é a radicalidade crescente do projeto político dos autores estudados. Desde a luta de Martí pela genuína independência do seu país, passando pela reforma social profunda, mas realizada por meios institucionais, defendida por Justo na Argentina, até o engajamento de Magón nas linhas camponesas da Revolução de 1910 do México, percebe-se uma evolução. É como se o fracasso da experiência anterior, mais moderada, obrigasse a propor algo mais intenso, no que diz respeito tanto ao diagnóstico quanto à terapêutica dos males nacionais.

Assim, de certo modo, o projeto de cada autor representaria o que Lukács chamou de “máxima consciência possível” para a situação em que atuou. Outros projetos competiram com o deles e outros

mais radicais os sucederam, mas isso tudo compõe um quadro no qual a sua participação é decisiva. O seu fracasso, um dos temas centrais na reflexão realizada por Fabio Barbosa dos Santos, expõe a composição de classe específica de cada caso, revelando o compromisso de parte da burguesia com os interesses do capitalismo mundial, bem como a relativa imaturidade política dos trabalhadores, incapazes de formular e sustentar um projeto alternativo ao burguês. Em linhas gerais, foi isso que caracterizou o fracasso dos três projetos políticos de acordo com o autor. Teria se mostrado impossível para as frações da classe burguesa em Cuba, na Argentina e no México, apesar da eventual aliança com os trabalhadores, derrotar a fração associada às forças imperialistas e promover o que poderia ser considerado uma revolução burguesa, sujeitando o desenvolvimento capitalista aos interesses da sua sociedade nacional.

Para além da especificidade do momento histórico em que os três autores abordados no livro viveram, pensaram e atuaram, aqui se delineia um quadro mais amplo, uma situação recorrente na história latino-americana desde aquela época. É perfeitamente legítimo, então, perguntar se os limites da subordinação da acumulação de capital ao interesse latino-americano, constatados entre o final do século XIX e o começo do XX, não se perpetuaram pela força contínua da divisão de trabalho do capitalismo mundial? Isto é, será que as mudanças que essa divisão sofreu depois da Segunda Grande Guerra, ou ao termo do século XX, poderiam ter alterado algo de substantivo na relação capitalista entre centro e periferia? Ou, enfim, seria possível um projeto nacional que sujeitasse o desenvolvimento capitalista a outros interesses que não os do próprio capital? Ou será que a radicalidade necessária deve passar por caminhos totalmente alternativos?

São questões sabidamente contemporâneas, que transcendem o marco temporal estrito em que se concentra o presente livro, mas



que se colocam no horizonte mais amplo em que ele se situa. Por certo, são só algumas das questões que ele instigará no leitor, e que o seu próprio autor tinha em mente ao escrevê-lo, autorizado pela validade dos confrontos e das comparações também entre épocas distintas. É a vantagem do método que o orienta.



# Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar, em uma perspectiva comparada, como nascem, evoluem e são frustrados três projetos de democratização radical na América Latina, nos primórdios do imperialismo.<sup>1</sup> José Martí (1853-1895) em Cuba, Juan B. Justo (1865-1928) na Argentina e Ricardo Flores Magón (1874-1922) no México lideram esforços intelectuais e políticos orientados a superar os constrangimentos à integração nacional legados pela origem colonial, que se expressam em um pensamento que fundamenta a atuação dos partidos que dirigiram. Vivendo no contexto de difusão das relações de produção capitalistas no continente, esses projetos constituem esforços pioneiros de subordinar o desenvolvimento capitalista aos desígnios da sociedade nacional. A incidência que tiveram para o desencadeamento dos processos que objetivaram – a guerra da independência em Cuba, a reforma política na Argentina e a Revolução Mexicana – atesta a sintonia de suas propostas em relação aos dilemas da conjuntura. O malogro do ideário democrático que representavam indica a prevalência de constrangimentos

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, referimo-nos ao imperialismo como uma etapa do capitalismo, caracterizada pela afirmação do capital monopolista segundo as análises pioneiras de Hobson, 1983; Hilferding, 1985; Lenin, 2000; Bukharin, 1984.

estruturais que obstam a consumação da nação na América Latina, nesse contexto histórico.

O afloramento simultâneo desses projetos está referido às transformações econômicas e sociais decorrentes da dinamização do setor exportador primário no contexto de afirmação do capital monopolista, no último quarto do século XIX, que ensejou a instalação progressiva dos requisitos para a reprodução capitalista no continente. Do ponto de vista social, a difusão do padrão mercantil corresponde a um desenvolvimento embrionário de setores identificados com a nova ordem. De um lado, a emergência incipiente de burguesias propensas a modificar as relações de poder e o Estado, com o intuito de adequá-los às transformações econômicas e sociais em andamento. Configurava-se para esses setores uma oportunidade de encadear a modernização capitalista a um processo de afirmação do poder burguês. Em outras palavras, franqueava-se a possibilidade histórica da revolução burguesa na América Latina.<sup>2</sup>

Em oposição à emergência burguesa, as mudanças nas relações de trabalho acenavam para um novo patamar de organização e reivindicação popular, sinalizada pela formação de partidos geralmente nucleados nas principais concentrações urbanas, mas capazes de influir nos acontecimentos políticos nacionais. Combinando em diferentes matizes demandas de conteúdo classista e de sentido nacionalista, essas organizações possuem, a despeito das particularidades de cada caso, uma orientação comum: a democratização das sociedades em que estão inseridas. Ao projetar a questão social na cena política, esses atores procuram dotar o processo de mudança social de um sentido democrático, buscando na integração do conjunto da população através do trabalho as condições para a supera-

---

<sup>2</sup> Existe um amplo debate, repleto de consequências políticas, sobre a problemática da revolução burguesa na América. Em nosso trabalho, referimo-nos à leitura feita por Florestan Fernandes (Fernandes, 1975a, 1981, 2002).